



FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO DE OFICIAIS DO EXÉRCITO

Marco Antonio Savio Costa

O tema proposto para este trabalho, aborda um assunto novo, com idéias ainda não definidas. A própria Psicologia, como ciéncia, ainda é nova, cheia de controvérsias e interpretações personalistas, com "escolas" disputando entre si formas diversas de abordar mesmos conceitos.

Com o curso de Psicotécnica Militar e tendo servido em Seções Psicotécnicas de Estabelecimentos de Ensino Elementar e Superior, além de realizarmos os Cursos de Formação, Aperfeiçoamento e Comando e Estado-Maior, reunimos uma série de observações pessoais sobre o assunto a ser tratado.

Não existe, até o momento, um estudo já sedimentado e que retrate quais as aptidões e os interesses básicos dos oficiais do nosso Exército. Existem, em andamento no Centro de Estudos do Pessoal — CEP, projetos que servirão de base para os trabalhos de seleção psicológica dos candidatos à Escola Preparatória de Cadetes, à Academia Militar das Agulhas Negras e à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Tais projetos, apesar de ainda não consolidados, nem seus instrumentos de medida validados, poderiam, talvez, servir de base para o nosso trabalho, se não desejássemos dar um cunho pessoal na abordagem do tema, com o cuidado de não entrar em detalhes técnicos, com uma linguagem peculiar aos psicólogos, e à qual não estamos perfeitamente afetos.

Iremos desenvolver o trabalho por etapas, procurando, primeiramente, levantar conceitos básicos, tanto no campo da Psicologia, quanto no do Ensino Militar, a fim de podermos situar a faixa em que trabalharemos.

Posteriormente, dentro de cada curso, das Escolas de Formação, Aperfeiçoamento e de Altos Estudos Militares, enumeraremos seus objetivos, ligações com

aptidões e interesses, e quais os instrumentos de medidas utilizados. Concluiremos tal fase com a observação dos resultados obtidos, e as transformações que se processam nas aptidões e interesses.

Finalmente concluiremos procurando sintetizar aquelas transformações mais flagrantes, a que são levados os oficiais, à medida que concluem os cursos que lhes proporcionam o acesso ao posto de Oficial-General, último escalão da carreira militar.

PREMISSAS BÁSICAS

Aspectos Psicológicos

Ao estudarmos o homem, analisamos de início suas "percepções" — como ele vê, ouve, cheira e sente o mundo ambiente. Em seguida, interessamo-nos pelos seus "móveis e emoções" — suas necessidades, desejos, aspirações, medos e amores. Examinamos, então, o homem em suas tentativas para ajustar-se às exigências que lhe são feitas. Finalmente, o consideramos como um indivíduo único, que vive num mundo de outros homens — sua personalidade e suas relações com a sociedade.

Isto tudo consequência de um princípio básico: o comportamento da pessoa é determinado por muitos fatores perceptuais, intelectuais e motivacionais, todos atuando simultaneamente.

O que seriam então, as aptidões e interesses deste homem, e como poderíamos grupá-los de forma a que possuisse aptidões e interesses básicos comuns?

É o que procuraremos expor abaixo.

Aptidão

O termo Aptidão refere-se à capacidade potencial, uma habilidade natural de uma pessoa, para realizar um tipo específico de atividade. Deve-se distingui-la da realização eficiente, que se refere à realização efetiva da pessoa, depois de ter recebido um treinamento apropriado para a atividade. A aptidão é agradável no uso, duradoura, constante e tende a desenvolver-se com o exercício.

O levantamento das aptidões necessárias a uma determinada profissão, bem como quais as aptidões que um indivíduo possui, depende da suposição de que as diferentes ocupações exigem diferentes capacidades e que as pessoas são distintas quanto aos seus padrões de capacidades.

No caso militar, a experiência durante as duas Grandes Guerras, mostrou que pessoas de várias ocupações poderiam aprender tarefas militares muito especializadas, com uma eficiência aproximadamente igual.

Tal fato levou à crença de que podemos dividir as pessoas em três grandes grupos. Algumas não têm uma aptidão específica que se saliente entre as outras, e seu nível geral de aptidões é tão baixo que podem realizar apenas trabalhos não que-

lificados, ou apenas semiqualificados. Em outras pessoas, o nível geral de suas aptidões é tão elevado, que podem obter êxito praticamente em todos os trabalhos ou profissões. Mas a maioria delas tem um nível médio de habilidade geral. Para elas, é importante saber que aptidões estão acima das outras, a fim de que possam tirar partido de seus pontos mais fortes.

Para tal, os psicólogos foram estimulados a criar um imenso número de testes de aptidões. Alguns deles, planejados a fim de medir uma aptidão geral, outros para levantar aptidões específicas.

Todos estes testes apresentam coeficientes muito baixos de validade, o que levou a uma reorientação na sua construção. Abandonaram-se as verificações de senso-comum das exigências para uma ocupação específica, e começou-se a usar os métodos de análise fatorial, a fim de determinar quais as capacidades importantes para determinada ocupação. Em vez de organizar testes para "aptidões vocacionais" independentes, estão sendo pesquisadas aptidões mais gerais e talvez mais básicas. Isto trouxe duas consequências: o uso de "baterias" de testes para cada ocupação e a investigação de outros fatores gerais, tais como a personalidade e os interesses do indivíduo, numa tentativa de complementação para a verificação de suas aptidões vocacionais.

As melhores baterias de testes atualmente em uso são o DAT (Diferencial Aptitude Test) e o GATB (General Aptitude Test Battery), adaptado no meio militar para o BTAG. Ambos já foram traduzidos e adaptados ao nosso universo.

Interesses

Interesse, no seu sentido geral, significa atração, preferência, gosto, sentimento de satisfação por determinado tipo de atividade. Sua medida implica em descobrir o grau com que o indivíduo prefere essa atividade, ou um certo gênero de atividades em detrimento de outras, sem implicar, contudo, ação executiva na direção dos interesses existentes. Podem os interesses ser classificados, segundo SUFE, em quatro grupos:

- interesses "expressos", resultantes de expressões verbais, simples citação de gostos ou preferências;
- interesses "manifestos", que se referem à participação na atividade ou ocupação preferida;
- interesses "medidos" por testes, isto é, julgados por instrumentos que fazem ressaltar os campos de preferência sem que o indivíduo perceba a área de suas manifestações;
- interesses "inventariados", resultantes de uma auto-avaliação pelo indivíduo, através de questionários ou de inventários.

Os interesses podem assumir várias formas. Estudos analítico-fatoriais têm demonstrado ser possível isolar alguns interesses típicos. THURSTONE, por

exemplo, em seu Inventário de Interesses, apresenta dez áreas, cada uma das quais compreendendo várias ocupações.

A idéia de interesse associa-se, freqüentemente, à de "vocação". PIERON diz ser inegável a existência de vocação, espécie de apelo irresistível. Não é menos certo, diz esse mesmo autor, serem tão raras tais vocações, que sua presença é ignorada na maioria das estatísticas. Quando as vocações surgem, desenvolve o indivíduo uma série de reações que freqüentemente o habilitam a superar as barreiras e dedicar-se ao gênero de atividades preferido. Eis porque os casos de real vocação estão quase sempre associados a condições de personalidade, inclusive aptidões, favoráveis ao alvo pretendido.

Os interesses, como também as atitudes (em muitos casos praticamente identificados como interesses), são grandemente afetados por tendências profundas e mecanismos de ajustamento, usados pelos indivíduos, o que os transforma em fontes de satisfação emocional.

Certos interesses nos trabalhos escolares, por exemplo, podem ser indicadores de preferências reais como, também, de busca de segurança, prestígio, dominância, etc... que a situação produz.

Se outra via que conduza a essa busca de segurança, prestígio ou dominância, for mais acessível, poderá o indivíduo desenvolver linha diferente de interesses. Se o objetivo de alguém for, por exemplo, segurança econômica, em lugar de prestígio social, todas as atividades que o conduzam a essa meta podem constituir áreas de interesses mais ou menos desenvolvidas, consoante o grau em que a segurança econômica atue na sua satisfação emocional. Tal afirmação é importante no caso específico de nosso trabalho, e será abordado adiante.

O fato de um jovem, ou adulto, obter alto escore em um tipo de interesse não autoriza supor, por esse único resultado, que devia encaminhar-se para as atividades incluídas na área correspondente ao escore obtido. Não autoriza supor, igualmente, que possua aptidões exigíveis para o sucesso nas atividades compreendidas na sua área de interesse. Ressaltando-se aí o que foi dito acima sobre a necessidade de interação dos fatores personalidade e interesses, no estudo e conhecimento das aptidões de um indivíduo, ou das necessárias para pertencer a um mesmo grupo.

MURSELL assinala que as relações entre interesse e aptidão aumentam à medida que os interesses se mostram mais estáveis. Tendem a estabilizar-se como consequência da idade, com a sua maioria revelados em plena maturidade, sendo praticamente os mesmos encontrados no fim da adolescência. Tendem, portanto, a estabilizar-se para a vida toda, logo após a adolescência. Isto, também, é muito importante para a abordagem dos interesses dos oficiais do Exército, afirmando-nos que aqueles revelados na fase de formação, na AMAN, são os que podemos considerar como básicos.

Finalmente, segundo STRONG, os interesses em grupos ocupacionais acham-se presentes em grande escala antes do exercício das ocupações, sendo, presumivelmente, um dos fatores na escolha profissional.

Aspectos do Ensino Militar

Ao procurarmos enquadrar uma segunda parte do texto do trabalho: "Cursos necessários para atingir o último escalão da carreira militar", baseamo-nos na Lei do Ensino Militar, sancionada pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, em 19 de novembro de 1975.

Finalidade do Ensino Militar:

Proporcionar a necessária habilitação para o exercício, na paz e na guerra, dos cargos e funções previstos em sua organização.

Obedece, para tal, um processo *contínuo e progressivo*, constantemente atualizado e aprimorado, de educação sistemática, que se estenderá através da sucessão de fases de estudos e práticas de exigências sempre crescentes, desde a iniciação até os padrões mais apurados de cultura profissional.

Áreas de Ensino

O Ensino Militar abrange as áreas de ensino fundamental e profissional, compreendendo os graus elementar, médio e superior. Os graus médio e superior são construídos de ciclos, abrangendo cursos de diversas modalidades.

A área de Ensino Fundamental, destina-se a assegurar a base humanística, filosófica, científica e tecnológica ao preparo militar e ao desenvolvimento da cultura geral dos quadros.

A área de Ensino Profissional, destina-se a preparar e adestrar os quadros e a tropa.

Grau Superior

O Ensino Militar de grau Superior, é o que nos interessa mais de perto, uma vez que se destina à habilitação para o exercício dos cargos e funções dos *Oficiais e Oficiais-Gerais*.

Compreende três ciclos:

— o primeiro inclui cursos de formação de caráter básico destinado à habilitação para o exercício dos cargos e funções privativas de oficial subalterno e capitão, previstas nos Quadros de Organização (QO);

— o segundo inclui cursos de aperfeiçoamento, na linha de ensino militar bélico, constituída pelos cursos destinados à atualização e à ampliação de conhecimentos necessários ao exercício de cargos e funções próprias de Oficial Superior, consignados nos QO; e de graduação e pós-graduação, em seus vários níveis, para os oficiais no Quadro de Engenheiros Militares. Estes últimos visando à ocupação de cargos e funções referentes às atividades que visam ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa científico-tecnológica.

— o terceiro inclui, em ambas as linhas, os cursos de Altos Estudos Militares, destinados à habilitação para o exercício dos cargos e funções previstas no Quadro de Estado-Maior da Ativa (QEMA) e no Quadro de Oficiais Generais (inclusive Engenheiros Militares).

Tanto para o ingresso nos cursos de Aperfeiçoamento e Graduação, quanto para o de Altos Estudos Militares, existem cursos de preparação.

Limitações

Veda, a nova Lei de Ensino, ao oficial possuidor do curso de formação da Academia das Agulhas Negras (AMAN), que realizar o curso de Aperfeiçoamento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e ao Oficial que ingressar na linha de ensino científico-tecnológico, pela conclusão do curso de graduação do Instituto Militar de Engenharia (IME), realizar curso de outra linha de ensino militar que não daquela à qual se integrou.

Conclusões

Desnecessário será frisar que o presente trabalho referir-se-á aos oficiais formados pelos cursos de grau superior. Abordaremos apenas os cursos necessários para atingir o último escalão de carreira militar, particularmente na linha de ensino militar bélico, ou seja o Curso da AMAN, da EsAO, e da Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME), com umas referências sumárias aos cursos do IME, de graduação e pós-graduação, quando formos abordar o ciclo que corresponde ao curso de aperfeiçoamento na linha do Ensino Militar Bélico.

Aptidões e Interesses Básicos dos Oficiais do Exército

Como já citamos anteriormente, não existem catalogadas quais as aptidões e interesses básicos dos oficiais do Exército. A própria gama heterogênea de atividades desenvolvidas pelos oficiais das diversas armas e serviços, intimida um levantamento de algumas aptidões e interesses que deveriam ser inatas ao oficial do Exército de uma forma geral e que possuissem testes já validados. Ao trabalho executado por um Oficial de Infantaria, afeto às atividades de instrução individual, por exemplo, contrapõe-se as atividades de planejamento de um apoio de fogo, pelo Oficial de Artilharia, ao cálculo de uma estrutura de uma obra de arte pelo Engenheiro Militar, ou mesmo à forma de melhor executar um apoio logístico a determinada operação pelo Oficial de Intendência. Atividades militares, todas elas, porém envolvendo indivíduos que possuem diferentes aptidões e interesses, todos eles oficiais do Exército.

Dentro do projeto de seleção para a AMAN foi realizado um levantamento de quais os atributos necessários ao cadete, primeiro degrau da carreira do futuro oficial. Tal pesquisa, simples, entre os oficiais instrutores, serviu de base para uma confrontação com os resultados de testes convencionais, aplicados aos cadetes do então Curso Básico. Os resultados foram de tal forma conflitantes que obrigaram

executores do projeto a reavaliarem o seu trabalho, e a procurar instrumentos novos de medida, ainda não validados, e que servirão de base para a referida seleção. Citamos tal fato, a fim de demonstrar a dificuldade em levantarmos os traços básicos no campo das aptidões e interesses.

Partiremos da premissa de que aptidões e interesses básicos serão aqueles que são necessários ao bom êxito do Cadete da AMAN. As transformações que houverem, provocadas ou mesmo consequência de um amadurecimento natural, dar-se-ão ao fim dos cursos de Aperfeiçoamento e de Altos Estudos, e nesta altura abordaremos. Neste último (Altos Estudos), somente para aqueles que se definiram como aptos a alcançar os últimos postos de carreira, no serviço de Estado-Maior, passando pelo crivo de um árduo concurso, ou pelo seu mérito no curso de Aperfeiçoamento.

O ciclo iniciado ao término do curso da Academia Militar completa-se com as transformações após o da Escola de Estado-Maior, que permite o acesso ao último posto da carreira militar, pendente ainda das transformações que dar-se-ão na aplicação dos conhecimentos adquiridos naquele curso, no trabalho de Estado-Maior. Uma vez que, pela sua obrigatoriedade, a última possibilidade de influência marcante sobre a totalidade dos oficiais, é na Escola de Aperfeiçoamento, somente os concluintes do Curso de Comando e Estado-Maior, no atual sistema, poderão ainda sofrer transformações flagrantes.

Se é válido permitir aos oficiais dos diversos Quadros permanecerem desde o posto de capitão até o fim de suas carreiras sem uma nova "chamada" aos bancos escolares onde poderão receber novas idéias, e terem atualizados seus conhecimentos, renovando-lhes o entusiasmo e limitando a sua evasão para outros interesses, é uma pergunta que não tem a pretensão de ser respondida pelo presente trabalho.

Consideraremos, fruto de nossa limitada experiência pessoal e por falta de estudos mais profundos executados por órgãos especificamente dedicados ao trabalho de Pessoal, algumas aptidões como sendo básicas, isto é, inerentes a qualquer oficial, de qualquer arma ou serviço. Tais aptidões são fruto, também, de aspectos levantados pelo Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP) para a conceituação dos alunos-cadetes e oficiais — nos cursos que abordaremos. A base da observação são cadetes da AMAN, — com as deficiências acima citadas. Ainda exemplificando tais dificuldades, podemos salientar que, apesar do esforço desenvolvido pelo pessoal da Secção Psicotécnica da AMAN e do intenso trabalho desenvolvido pelos oficiais psicotécnicos, a proposta para a escolha da Arma, ao fim do Curso Básico, é realizada empiricamente, fruto das opiniões pessoais do oficial orientador, sem limites já validados na apuração dos diversos itens dos testes de aptidão e questionários de interesse.

Enumeraremos, abaixo, as Aptidões e Interesses Básicos considerando que para todas elas, seria necessário um resultado Bom (B) ou Muito Bom (MB) nos diversos testes de aptidão e questionários de interesses aplicados:

Aptidões Básicas

- Aptidão Geral (Fator G de Inteligência)

- Aptidão Verbal
- Aptidão para Chefia
- Aptidão para o Trabalho em Grupo
- Devotamento
- Espírito Militar
- Resistência Física

Interesses Básicos

- Áreas:
 - Persuasiva
 - Serviço Burocrático
 - Atividades ao Ar Livre
 - Política
 - Trabalho em Grupo
 - Gosto pela Atitude de Chefia
 - Vocação inata para a Carreira Militar

O levantamento de certos aspectos gerais vistos acima, terá de ser feito por instrumentos específicos, uma vez que os testes mais comuns utilizados pelas Seções Psicotécnicas abrangem apenas alguns destes, particularmente no que diz respeito às aptidões.

A nossa afirmativa de que os interesses serão formados, ou melhor, aperfeiçoados e sedimentados, no curso de AMAN — de Formação — encontra justificativa nos argumentos vistos ao estudarmos o item Interesses, quando concluímos que os mesmos se estabilizam no fim da adolescência, na faixa etária normal dos cadetes.

A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

Objetivos dos seus Ensino e Cursos

A Academia Militar das Agulhas Negras destina-se à formação básica do oficial das Armas e Serviços de Material Bélico e Intendência.

Tem por finalidade o Ensino na AMAN:

- Formar o oficial subalterno e iniciar a formação do capitão e do instrutor;
- Assegurar ao futuro oficial uma cultura Técnico-Universitária, sobre a qual possa desenvolver toda sua carreira militar;

Para tal, procura:

- criar e preservar hábitos, atitudes e idéias indispensáveis à formação do oficial do Exército;
- garantir uma base de cultura técnico-universitária imprescindível ao futuro comandante, chefe e administrador;
- garantir o vigor físico necessário ao militar, assim como o aprimoramento do espírito de cooperação e da capacidade de atuar em equipe.

O desenvolvimento do processo educativo, na AMAN, deve garantir:

- base educacional condizente com os padrões de patriotismo, dever, honra, com as tradições herdadas e consagradas e com o estilo de vida do Exército;
- base cultural geral e militar, científica e humanística, compatível com os tipos de atividade correntes e especializadas e com a necessária extensão de conhecimentos em todos os campos de aplicação da arte militar, resultantes das exigências especificadas e atuais da carreira;
- base de conhecimentos profissionais, que propiciem sólida preparação física, intelectual e moral ao comandante, chefe e administrador de frações e órgãos até o nível subunidade e o acompanhamento da evolução das ciências aplicadas ao desempenho da função militar, na paz e na guerra.

O curso da AMAN sofreu modificação que influirá sobremaneira na consecução dos objetivos acima citados. Passou o Curso Básico, anteriormente desenvolvido em 2 anos, a ter apenas 1 ano de duração; e os Cursos das Armas e Serviços, de 2 passaram a 3 anos. Tal modificação visa dar ao cadete a possibilidade de, no seu último ano, prestar estágios diversos que complementarão e tornarão mais prática a sua formação.

Ao servirmos na Seção Psicotécnica da AMAN sentimos ser o 2º ano o de maiores problemas no ajustamento à vida escolar, com o cadete deixando de ser um novato, porém sem estar ainda na sua arma de destino com as vantagens de "status" decorrentes.

A solução apresentada é suscetível de diferenças de opiniões e só o tempo poderá mostrar o seu sucesso na formação de futuro oficial.

O Regulamento em uso quando da elaboração deste trabalho consubstancial o seguinte no que se refere aos objetivos dos Cursos:

- Curso Básico:
 - Ajustar a personalidade do cadete aos Princípios normativos que regem a vida militar.
 - Assegurar-lhe uma formação básica, que o habilite ao prosseguimento de sua formação de futuro oficial, em qualquer dos Cursos das Armas ou Serviços, proporcionando-lhe em essência:
 - No Ensino Fundamental, a compreensão e possível aplicação das Ciências Exatas, no desempenho do trabalho humano e das Ciências Sociais, no estudo e solução dos Problemas Brasileiros dando, assim, início à formação do Chefe Militar;
 - No Ensino Profissional, a capacitação necessária para o desempenho das funções de soldado, cabo e sargento, nos serviços internos e gerais dos corpos de tropa e em combate e serviço em campanha, no âmbito do GC e da patrulha.
 - Cursos das Armas e dos Serviços:
 - No Ensino Fundamental, proporcionar, além da compreensão e aplicação das ciências estudadas, vivência na solução de problemas criados, envolvendo as disciplinas de uma ou mais Seções de Ensino.

— No Ensino Profissional, a capacitação ao exercício do comando das frações elementares das respectivas Armas e Serviços, em todas as situações, fornecendo-lhe os conhecimentos profissionais necessários ao desempenho das funções correspondentes aos primeiros postos, nas Armas e Serviços, iniciando o seu preparo para as funções de instrutor e comandante de subunidade.

Instrumentos para a criação e aperfeiçoamento de aptidões e interesses básicos do Oficial do Exército

Para a consecução dos Objetivos acima, todo o sistema de Ensino da Academia, envolvendo a Divisão de Ensino, no Ensino Fundamental, e o Corpo de Cadetes no que se refere ao Ensino Profissional, utiliza os métodos e processos de ensino que obedecem à doutrina preconizada pelo Estado-Maior do Exército (EME), e à metodização pedagógica recomendada pelo Departamento de Ensino e Pesquisa.

No Ensino Fundamental dá-se preferência aos processos que impliquem na participação ativa e direta do cadete.

No Ensino Profissional procura-se que este seja eminentemente prático e objetivo.

Em princípio, todo o conhecimento adquirido deve ser imediatamente aplicado na própria instrução, e, a partir daí, executado sempre com rigorosa perfeição, sob as vistas atentas e a inflexível exigência dos instrutores. Antes de ser instruído como comandante e instrutor, o cadete deve ser adestrado como perfeito executante.

Na verificação do rendimento da aprendizagem procuram incluir questões que exijam trabalho de redação e elaboração de idéias, procurando-se estabelecer íntimas ligações entre os quesitos propostos com os objetivos gerais pré-fixados, acima expostos.

O conceito do cadete, no fim do curso e elaborado ano a ano, é uma síntese da avaliação qualitativa dos atributos de sua personalidade, por métodos padronizados, consubstanciando as observações de seu comportamento na vida acadêmica, em particular sob os aspectos integrados no exercício futuro da profissão militar.

Os atributos a observar e avaliar são, em linhas gerais, os que compõem de modo marcante, a personalidade do Chefe Militar, e subdivididos na prática em:

— Valor intelectual (inclusive Facilidade de Apreensão, Flexibilidade de Raciocínio, Objetividade, Método, Espírito de Observação, Espírito de Análise, Poder de Síntese, Faculdade de Expressão, e Cultura Geral e Profissional);

— Aptidão para Chefia (incluindo Capacidade de Direção e Controle, Espírito de Decisão, Senso de Responsabilidade, Iniciativa, Auto-Confiança, Senso de Justiça, Energia, Estabilidade Emocional, e Sociabilidade);

— Aptidão para o trabalho em grupo (incluindo Senso de Organização, Habilidade de Coordenação, Espírito de Cooperação, e Disciplina Intelectual);

lificados, ou apenas semiqualificados. Em outras pessoas, o nível geral de suas aptidões é tão elevado, que podem obter êxito praticamente em todos os trabalhos ou profissões. Mas a maioria delas tem um nível médio de habilidade geral. Para elas, é importante saber que aptidões estão acima das outras, a fim de que possam tirar partido de seus pontos mais fortes.

Para tal, os psicólogos foram estimulados a criar um imenso número de testes de aptidões. Alguns deles, planejados a fim de medir uma aptidão geral, outros para levantar aptidões específicas.

Todos estes testes apresentam coeficientes muito baixos de validade, o que levou a uma reorientação na sua construção. Abandonaram-se as verificações de senso-comum das exigências para uma ocupação específica, e começou-se a usar os métodos de análise factorial, a fim de determinar quais as capacidades importantes para determinada ocupação. Em vez de organizar testes para "aptidões vocacionais" independentes, estão sendo pesquisadas aptidões mais gerais e talvez mais básicas. Isto trouxe duas consequências: o uso de "baterias" de testes para cada ocupação e a investigação de outros fatores gerais, tais como a personalidade e os interesses do indivíduo, numa tentativa de complementação para a verificação de suas aptidões vocacionais.

As melhores baterias de testes atualmente em uso são o DAT (Diferencial Aptitude Test) e o GATB (General Aptitude Test Battery), adaptado no meio militar para o BTAG. Ambos já foram traduzidos e adaptados ao nosso universo.

Interesses

Interesse, no seu sentido geral, significa atração, preferência, gosto, sentimento de satisfação por determinado tipo de atividade. Sua medida implica em descobrir o grau com que o indivíduo prefere essa atividade, ou um certo gênero de atividades em detrimento de outras, sem implicar, contudo, ação executiva na direção dos interesses existentes. Podem os interesses ser classificados, segundo SUFFE, em quatro grupos:

- interesses "expressos", resultantes de expressões verbais, simples citação de gostos ou preferências;
- interesses "manifestos", que se referem à participação na atividade ou ocupação preferida;
- interesses "medidos" por testes, isto é, julgados por instrumentos que fazem ressaltar os campos de preferência sem que o indivíduo perceba a área de suas manifestações;
- interesses "inventariados", resultantes de uma auto-avaliação pelo indivíduo, através de questionários ou de inventários.

Os interesses podem assumir várias formas. Estudos analítico-fatoriais têm demonstrado ser possível isolar alguns interesses típicos. THURSTONE, por

exemplo, em seu Inventário de Interesses, apresenta dez áreas, cada uma das quais compreendendo várias ocupações.

A idéia de interesse associa-se, freqüentemente, à de "vocação". PIERON diz ser inegável a existência de vocação, espécie de apelo irresistível. Não é menos certo, diz esse mesmo autor, serem tão raras tais vocações, que sua presença é ignorada na maioria das estatísticas. Quando as vocações surgem, desenvolve o indivíduo uma série de reações que freqüentemente o habilitam a superar as barreiras e dedicar-se ao gênero de atividades preferido. Eis porque os casos de real vocação estão quase sempre associados a condições de personalidade, inclusive aptidões, favoráveis ao alvo pretendido.

Os interesses, como também as atitudes (em muitos casos praticamente identificados como interesses), são grandemente afetados por tendências profundas e mecanismos de ajustamento, usados pelos indivíduos, o que os transforma em fontes de satisfação emocional.

Certos interesses nos trabalhos escolares, por exemplo, podem ser indicadores de preferências reais como, também, de busca de segurança, prestígio, dominância, etc... que a situação produz.

Se outra via que conduza a essa busca de segurança, prestígio ou dominância, for mais acessível, poderá o indivíduo desenvolver linha diferente de interesses. Se o objetivo de alguém for, por exemplo, segurança econômica, em lugar de prestígio social, todas as atividades que o conduzem a essa meta podem constituir áreas de interesses mais ou menos desenvolvidas, consoante o grau em que a segurança econômica atue na sua satisfação emocional. Tal afirmação é importante no caso específico de nosso trabalho, e será abordado adiante.

O fato de um jovem, ou adulto, obter alto escore em um tipo de interesse não autoriza supor, por esse único resultado, que devia encaminhar-se para as atividades incluídas na área correspondente ao escore obtido. Não autoriza supor, igualmente, que possua aptidões exigíveis para o sucesso nas atividades compreendidas na sua área de interesse. Ressaltando-se aí o que foi dito acima sobre a necessidade de interação dos fatores personalidade e interesses, no estudo e conhecimento das aptidões de um indivíduo, ou das necessárias para pertencer a um mesmo grupo.

MURSELL assinala que as relações entre interesse e aptidão aumentam à medida que os interesses se mostram mais estáveis. Tendem a estabilizar-se como consequência da idade, com a sua maioria revelados em plena maturidade, sendo praticamente os mesmos encontrados no fim da adolescência. Tendem, portanto, a estabilizar-se para a vida toda, logo após a adolescência. Isto, também, é muito importante para a abordagem dos interesses dos oficiais do Exército, afirmando-nos que aqueles revelados na fase de formação, na AMAN, são os que podemos considerar como básicos.

Finalmente, segundo STRONG, os interesses em grupos ocupacionais acham-se presentes em grande escala antes do exercício das ocupações, sendo, presumivelmente, um dos fatores na escolha profissional.

Aspectos do Ensino Militar

Ao procurarmos enquadrar uma segunda parte do texto do trabalho: "Cursos necessários para atingir o último escalão da carreira militar", baseamo-nos na Lei do Ensino Militar, sancionada pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, em 19 de novembro de 1975.

Finalidade do Ensino Militar:

Proporcionar a necessária habilitação para o exercício, na paz e na guerra, dos cargos e funções previstos em sua organização.

Obedece, para tal, um processo *contínuo e progressivo*, constantemente atualizado e aprimorado, de educação sistemática, que se estenderá através da sucessão de fases de estudos e práticas de exigências sempre crescentes, desde a iniciação até os padrões mais apurados de cultura profissional.

Áreas de Ensino

O Ensino Militar abrange as áreas de ensino fundamental e profissional, compreendendo os graus elementar, médio e superior. Os graus médio e superior são construídos de ciclos, abrangendo cursos de diversas modalidades.

A área de Ensino Fundamental, destina-se a assegurar a base humanística, filosófica, científica e tecnológica ao preparo militar e ao desenvolvimento da cultura geral dos quadros.

A área de Ensino Profissional, destina-se a preparar e adestrar os quadros e a tropa.

Grau Superior

O Ensino Militar de grau Superior, é o que nos interessa mais de perto, uma vez que se destina à habilitação para o exercício dos cargos e funções dos Oficiais e Oficiais-Gerais.

Compreende três ciclos:

— o primeiro inclui cursos de formação de caráter básico destinado à habilitação para o exercício dos cargos e funções privativas de oficial subalterno e capitão, previstas nos Quadros de Organização (QO);

— o segundo inclui cursos de aperfeiçoamento, na linha de ensino militar bético, constituída pelos cursos destinados à atualização e à ampliação de conhecimentos necessários ao exercício de cargos e funções próprias de Oficial Superior, consignados nos QO; e de graduação e pós-graduação, em seus vários níveis, para os oficiais no Quadro de Engenheiros Militares. Estes últimos visando à ocupação de cargos e funções referentes às atividades que visam ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa científico-tecnológica.

— o terceiro inclui, em ambas as linhas, os cursos de Altos Estudos Militares, destinados à habilitação para o exercício dos cargos e funções previstas no Quadro de Estado-Maior da Ativa (QEMA) e no Quadro de Oficiais-Gerais (inclusive Engenheiros Militares).

Tanto para o ingresso nos cursos de Aperfeiçoamento e Graduação, quanto para o de Altos Estudos Militares, existem cursos de preparação.

Limitações

Veda, a nova Lei de Ensino, ao oficial possuidor do curso de formação da Academia das Agulhas Negras (AMAN), que realizar o curso de Aperfeiçoamento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e ao Oficial que ingressar na linha de ensino científico-tecnológico, pela conclusão do curso de graduação do Instituto Militar de Engenharia (IME), realizar curso de outra linha de ensino militar que não daquela à qual se integrou.

Conclusões

Desnecessário será frisar que o presente trabalho referir-se-á aos oficiais formados pelos cursos de grau superior. Abordaremos apenas os cursos necessários para atingir o último escalão de carreira militar, particularmente na linha de ensino militar bélico, ou seja o Curso da AMAN, da EsAO, e da Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME), com umas referências sumárias aos cursos do IME, de graduação e pós-graduação, quando formos abordar o ciclo que corresponde ao curso de aperfeiçoamento na linha do Ensino Militar Bélico.

Aptidões e Interesses Básicos dos Oficiais do Exército

Como já citamos anteriormente, não existem catalogadas quais as aptidões e interesses básicos dos oficiais do Exército. A própria gama heterogênea de atividades desenvolvidas pelos oficiais das diversas armas e serviços, intimida um trabalho de levantamento de algumas aptidões e interesses que deveriam ser inatas ao oficial do Exército de uma forma geral e que possuissem testes já validados. Ao trabalho executado por um Oficial de Infantaria, afeto às atividades de instrução individual, por exemplo, contrapõe-se as atividades de planejamento de um apoio de fogo, pelo Oficial de Artilharia, ao cálculo de uma estrutura de uma obra de arte pelo Engenheiro Militar, ou mesmo à forma de melhor executar um apoio logístico a determinada operação pelo Oficial de Intendência. Atividades militares, todas elas, porém envolvendo indivíduos que possuem diferentes aptidões e interesses, todos eles oficiais do Exército.

Dentro do projeto de seleção para a AMAN foi realizado um levantamento de quais os atributos necessários ao cadete, primeiro degrau da carreira do futuro oficial. Tal pesquisa, simples, entre os oficiais instrutores, serviu de base para uma confrontação com os resultados de testes convencionais, aplicados aos cadetes do então Curso Básico. Os resultados foram de tal forma conflitantes que obrigaram a

lificados, ou apenas semiqualificados. Em outras pessoas, o nível geral de suas aptidões é tão elevado, que podem obter êxito praticamente em todos os trabalhos ou profissões. Mas a maioria delas tem um nível médio de habilidade geral. Para elas, é importante saber que aptidões estão acima das outras, a fim de que possam tirar partido de seus pontos mais fortes.

Para tal, os psicólogos foram estimulados a criar um imenso número de testes de aptidões. Alguns deles, planejados a fim de medir uma aptidão geral, outros para levantar aptidões específicas.

Todos estes testes apresentam coeficientes muito baixos de validade, o que levou a uma reorientação na sua construção. Abandonaram-se as verificações de senso-comum das exigências para uma ocupação específica, e começou-se a usar os métodos de análise fatorial, a fim de determinar quais as capacidades importantes para determinada ocupação. Em vez de organizar testes para "aptidões vocacionais" independentes, estão sendo pesquisadas aptidões mais gerais e talvez mais básicas. Isto trouxe duas consequências: o uso de "baterias" de testes para cada ocupação e a investigação de outros fatores gerais, tais como a personalidade e os interesses do indivíduo, numa tentativa de complementação para a verificação de suas aptidões vocacionais.

As melhores baterias de testes atualmente em uso são o DAT (Diferencial Aptitude Test) e o GATB (General Aptitude Test Battery), adaptado no meio militar para o BTAG. Ambos já foram traduzidos e adaptados ao nosso universo.

Interesses

Interesse, no seu sentido geral, significa atração, preferência, gosto, sentimento de satisfação por determinado tipo de atividade. Sua medida implica em descobrir o grau com que o indivíduo prefere essa atividade, ou um certo gênero de atividades em detrimento de outras, sem implicar, contudo, ação executiva na direção dos interesses existentes. Podem os interesses ser classificados, segundo SUFE, em quatro grupos:

- interesses "expressos", resultantes de expressões verbais, simples citação de gostos ou preferências;
- interesses "manifestos", que se referem à participação na atividade ou ocupação preferida;
- interesses "medidos" por testes, isto é, julgados por instrumentos que fazem ressaltar os campos de preferência sem que o indivíduo perceba a área de suas manifestações;
- interesses "inventariados", resultantes de uma auto-avaliação pelo indivíduo, através de questionários ou de inventários.

Os interesses podem assumir várias formas. Estudos analítico-fatoriais têm demonstrado ser possível isolar alguns interesses típicos. THURSTONE, por

exemplo, em seu Inventário de Interesses, apresenta dez áreas, cada uma das quais compreendendo várias ocupações.

A idéia de interesse associa-se, freqüentemente, à de "vocação". PIERON diz ser inegável a existência de vocação, espécie de apelo irresistível. Não é menos certo, diz esse mesmo autor, serem tão raras tais vocações, que sua presença é ignorada na maioria das estatísticas. Quando as vocações surgem, desenvolve o indivíduo uma série de reações que freqüentemente o habilitam a superar as barreiras e dedicar-se ao gênero de atividades preferido. Eis porque os casos de real vocação estão quase sempre associados a condições de personalidade, inclusive aptidões, favoráveis ao alvo pretendido.

Os interesses, como também as atitudes (em muitos casos praticamente identificados como interesses), são grandemente afetados por tendências profundas e mecanismos de ajustamento, usados pelos indivíduos, o que os transforma em fontes de satisfação emocional.

Certos interesses nos trabalhos escolares, por exemplo, podem ser indicadores de preferências reais como, também, de busca de segurança, prestígio, dominância, etc... que a situação produz.

Se outra via que conduza a essa busca de segurança, prestígio ou dominância, for mais acessível, poderá o indivíduo desenvolver linha diferente de interesses. Se o objetivo de alguém for, por exemplo, segurança econômica, em lugar de prestígio social, todas as atividades que o conduzem a essa meta podem constituir áreas de interesses mais ou menos desenvolvidas, consoante o grau em que a segurança econômica atue na sua satisfação emocional. Tal afirmação é importante no caso específico de nosso trabalho, e será abordado adiante.

O fato de um jovem, ou adulto, obter alto escore em um tipo de interesse não autoriza supor, por esse único resultado, que devia encaminhar-se para as atividades incluídas na área correspondente ao escore obtido. Não autoriza supor, igualmente, que possua aptidões exigíveis para o sucesso nas atividades compreendidas na sua área de interesse. Ressaltando-se aí o que foi dito acima sobre a necessidade de interação dos fatores personalidade e interesses, no estudo e conhecimento das aptidões de um indivíduo, ou das necessárias para pertencer a um mesmo grupo.

MURSELL assinala que as relações entre interesse e aptidão aumentam à medida que os interesses se mostram mais estáveis. Tendem a estabilizar-se como consequência da idade, com a sua maioria revelados em plena maturidade, sendo praticamente os mesmos encontrados no fim da adolescência. Tendem, portanto, a estabilizar-se para a vida toda, logo após a adolescência. Isto, também, é muito importante para a abordagem dos interesses dos oficiais do Exército, afirmando-nos que aqueles revelados na fase de formação, na AMAN, são os que podemos considerar como básicos.

Finalmente, segundo STRONG, os interesses em grupos ocupacionais acham-se presentes em grande escala antes do exercício das ocupações, sendo, presumivelmente, um dos fatores na escolha profissional.

Aspectos do Ensino Militar

Ao procurarmos enquadrar uma segunda parte do texto do trabalho: "Cursos necessários para atingir o último escalão da carreira militar", baseamo-nos na Lei do Ensino Militar, sancionada pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, em 19 de novembro de 1975.

Finalidade do Ensino Militar:

Proporcionar a necessária habilitação para o exercício, na paz e na guerra, dos cargos e funções previstos em sua organização.

Obedece, para tal, um processo *contínuo e progressivo*, constantemente atualizado e aprimorado, de educação sistemática, que se estenderá através da sucessão de fases de estudos e práticas de exigências sempre crescentes, desde a iniciação até os padrões mais apurados de cultura profissional.

Áreas de Ensino

O Ensino Militar abrange as áreas de ensino fundamental e profissional, compreendendo os graus elementar, médio e superior. Os graus médio e superior são construídos de ciclos, abrangendo cursos de diversas modalidades.

A área de Ensino Fundamental, destina-se a assegurar a base humanística, filosófica, científica e tecnológica ao preparo militar e ao desenvolvimento da cultura geral dos quadros.

A área de Ensino Profissional, destina-se a preparar e adestrar os quadros e a tropa.

Grau Superior

O Ensino Militar de grau Superior, é o que nos interessa mais de perto, uma vez que se destina à habilitação para o exercício dos cargos e funções dos *Oficiais e Oficiais-Generais*.

Compreende três ciclos:

— o primeiro inclui cursos de formação de caráter básico destinado à habilitação para o exercício dos cargos e funções privativas de oficial subalterno e capitão, previstas nos Quadros de Organização (QO);

— o segundo inclui cursos de aperfeiçoamento, na linha de ensino militar bético, constituída pelos cursos destinados à atualização e à ampliação de conhecimentos necessários ao exercício de cargos e funções próprias de Oficial Superior, consignados nos QO; e de graduação e pós-graduação, em seus vários níveis, para os oficiais no Quadro de Engenheiros Militares. Estes últimos visando à ocupação de cargos e funções referentes às atividades que visam ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa científico-tecnológica.

— o terceiro inclui, em ambas as linhas, os cursos de Altos Estudos Militares, destinados à habilitação para o exercício dos cargos e funções previstas no Quadro de Estado-Maior da Ativa (QEMA) e no Quadro de Oficiais-Gerais (inclusive Engenheiros Militares).

Tanto para o ingresso nos cursos de Aperfeiçoamento e Graduação, quanto para o de Altos Estudos Militares, existem cursos de preparação.

Limitações

Veda, a nova Lei de Ensino, ao oficial possuidor do curso de formação da Academia das Agulhas Negras (AMAN), que realizar o curso de Aperfeiçoamento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e ao Oficial que ingressar na linha de ensino científico-tecnológico, pela conclusão do curso de graduação do Instituto Militar de Engenharia (IME), realizar curso de outra linha de ensino militar que não daquela à qual se integrou.

Conclusões

Desnecessário será frisar que o presente trabalho referir-se-á aos oficiais formados pelos cursos de grau superior. Abordaremos apenas os cursos necessários para atingir o último escalão de carreira militar, particularmente na linha de ensino militar bélico, ou seja o Curso da AMAN, da EsAO, e da Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME), com umas referências sumárias aos cursos do IME, de graduação e pós-graduação, quando formos abordar o ciclo que corresponde ao curso de aperfeiçoamento na linha do Ensino Militar Bélico.

Aptidões e Interesses Básicos dos Oficiais do Exército

Como já citamos anteriormente, não existem catalogadas quais as aptidões e interesses básicos dos oficiais do Exército. A própria gama heterogênea de atividades desenvolvidas pelos oficiais das diversas armas e serviços, intimida um levantamento de algumas aptidões e interesses que deveriam ser inatas ao oficial do Exército de uma forma geral e que possuissem testes já validados. Ao trabalho executado por um Oficial de Infantaria, afeto às atividades de instrução individual, por exemplo, contrapõe-se as atividades de planejamento de um apoio de fogo, pelo Oficial de Artilharia, ao cálculo de uma estrutura de uma obra de arte pelo Engenheiro Militar, ou mesmo à forma de melhor executar um apoio logístico a determinada operação pelo Oficial de Intendência. Atividades militares, todas elas, porém envolvendo indivíduos que possuem diferentes aptidões e interesses, todos eles oficiais do Exército.

Dentro do projeto de seleção para a AMAN foi realizado um levantamento de quais os atributos necessários ao cadete, primeiro degrau da carreira do futuro oficial. Tal pesquisa, simples, entre os oficiais instrutores, serviu de base para uma confrontação com os resultados de testes convencionais, aplicados aos cadetes do então Curso Básico. Os resultados foram de tal forma conflitantes que obrigaram o

executores do projeto a reavaliarem o seu trabalho, e a procurar instrumentos novos de medida, ainda não validados, e que servirão de base para a referida seleção. Citamos tal fato, a fim de demonstrar a dificuldade em levantarmos os traços básicos no campo das aptidões e interesses.

Partiremos da premissa de que aptidões e interesses básicos serão aqueles que são necessários ao bom êxito do Cadete da AMAN. As transformações que houverem, provocadas ou mesmo consequência de um amadurecimento natural, dar-se-ão ao fim dos cursos de Aperfeiçoamento e de Altos Estudos, e nesta altura as abordaremos. Neste último (Altos Estudos), somente para aqueles que se definiram como aptos a alcançar os últimos postos de carreira, no serviço de Estado-Maior, passando pelo crivo de um árduo concurso, ou pelo seu mérito no curso de Aperfeiçoamento.

O ciclo iniciado ao término do curso da Academia Militar completa-se com as transformações após o da Escola de Estado-Maior, que permite o acesso ao último posto da carreira militar, pendente ainda das transformações que dar-se-ão na aplicação dos conhecimentos adquiridos naquele curso, no trabalho de Estado-Maior. Uma vez que, pela sua obrigatoriedade, a última possibilidade de influência marcante sobre a totalidade dos oficiais, é na Escola de Aperfeiçoamento, somente os concluintes do Curso de Comando e Estado-Maior, no atual sistema, poderão ainda sofrer transformações flagrantes.

Se é válido permitir aos oficiais dos diversos Quadros permanecerem desde o posto de capitão até o fim de suas carreiras sem uma nova "chamada" aos bancos escolares onde poderão receber novas idéias, e terem atualizados seus conhecimentos, renovando-lhes o entusiasmo e limitando a sua evasão para outros interesses, é uma pergunta que não tem a pretensão de ser respondida pelo presente trabalho.

Consideraremos, fruto de nossa limitada experiência pessoal e por falta de estudos mais profundos executados por órgãos especificamente dedicados ao trabalho de Pessoal, algumas aptidões como sendo básicas, isto é, inerentes a qualquer oficial, de qualquer arma ou serviço. Tais aptidões são fruto, também, de aspectos levantados pelo Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP) para a conceituação dos alunos-cadetes e oficiais — nos cursos que abordaremos. A base da observação são cadetes da AMAN, — com as deficiências acima citadas. Ainda exemplificando tais dificuldades, podemos salientar que, apesar do esforço desenvolvido pelo pessoal da Seção Psicotécnica da AMAN e do intenso trabalho desenvolvido pelos oficiais psicotécnicos, a proposta para a escolha da Arma, ao fim do Curso Básico, é realizada empiricamente, fruto das opiniões pessoais do oficial orientador, sem limites já validados na apuração dos diversos itens dos testes de aptidão e questionários de interesse.

Enumeraremos, abaixo, as Aptidões e Interesses Básicos considerando que para todas elas, seria necessário um resultado Bom (B) ou Muito Bom (MB) nos diversos testes de aptidão e questionários de interesses aplicados:

Aptidões Básicas

- Aptidão Geral (Fator G de Inteligência)

- Aptidão Verbal
- Aptidão para Chefia
- Aptidão para o Trabalho em Grupo
- Devotamento
- Espírito Militar
- Resistência Física

Interesses Básicos:

- Áreas:
 - Persuasiva
 - Serviço Burocrático
 - Atividades ao Ar Livre
 - Política
 - Trabalho em Grupo
 - Gosto pela Atitude de Chefia
 - Vocação inata para a Carreira Militar

"O levantamento de certos aspectos gerais vistos acima, terá de ser feito por instrumentos específicos, uma vez que os testes mais comuns utilizados pelas Seções Psicotécnicas abrangem apenas alguns destes, particularmente no que diz respeito às aptidões.

A nossa afirmativa de que os interesses serão formados, ou melhor, aperfeiçoados e sedimentados, no curso de AMAN – de Formação – encontra justificativos argumentos vistos ao estudarmos o item Interesses, quando concluimos que os mesmos se estabilizam no fim da adolescência, na faixa etária normal dos cadetes.

A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

Objetivos dos seus Ensino e Cursos

A Academia Militar das Agulhas Negras destina-se à formação básica do oficial das Armas e Serviços de Material Bélico e Intendência.

Tem por finalidade o Ensino na AMAN:

- Formar o oficial subalterno e iniciar a formação do capitão e do instrutor;
- Assegurar ao futuro oficial uma cultura Técnico-Universitária, sobre a qual possa desenvolver toda sua carreira militar;

Para tal, procura:

- criar e preservar hábitos, atitudes e idéias indispensáveis à formação do oficial do Exército;
- garantir uma base de cultura técnico-universitária imprescindível ao futuro comandante, chefe e administrador;
- garantir o vigor físico necessário ao militar, assim como o aprimoramento do espírito de cooperação e da capacidade de atuar em equipe.

O desenvolvimento do processo educativo, na AMAN, deve garantir:

- base educacional condizente com os padrões de patriotismo, dever, honra, com as tradições herdadas e consagradas e com o estilo de vida do Exército;
- base cultural geral e militar, científica e humanística, compatível com os tipos de atividade correntes e especializadas e com a necessária extensão de conhecimentos em todos os campos de aplicação da arte militar, resultantes das exigências especificadas e atuais da carreira;
- base de conhecimentos profissionais, que propiciem sólida preparação física, intelectual e moral ao comandante, chefe e administrador de frações e órgãos até o nível subunidade e o acompanhamento da evolução das ciências aplicadas ao desempenho da função militar, na paz e na guerra.

O curso da AMAN sofreu modificação que influirá sobremaneira na consecução dos objetivos acima citados. Passou o Curso Básico, anteriormente desenvolvido em 2 anos, a ter apenas 1 ano de duração; e os Cursos das Armas e Serviços, de 2 passaram a 3 anos. Tal modificação visa dar ao cadete a possibilidade de, no seu último ano, prestar estágios diversos que complementarão e tornarão mais prática a sua formação.

Ao servirmos na Seção Psicotécnica da AMAN sentimos ser o 2º ano o de maiores problemas no ajustamento à vida escolar, com o cadete deixando de ser um novato, porém sem estar ainda na sua arma de destino com as vantagens de "status" decorrentes.

A solução apresentada é suscetível de diferenças de opiniões e só o tempo poderá mostrar o seu sucesso na formação de futuro oficial.

O Regulamento em uso quando da elaboração deste trabalho consubstancial o seguinte no que se refere aos objetivos dos Cursos:

– Curso Básico:

– Ajustar a personalidade do cadete aos Princípios normativos que regem a vida militar.

– Assegurar-lhe uma formação básica, que o habilite ao prosseguimento de sua formação de futuro oficial, em qualquer dos Cursos das Armas ou Serviços, proporcionando-lhe em essência:

– No Ensino Fundamental, a compreensão e possível aplicação das Ciências Exatas, no desempenho do trabalho humano e das Ciências Sociais, no estudo e solução dos Problemas Brasileiros dando, assim, início à formação do Chefe Militar;

– No Ensino Profissional, a capacitação necessária para o desempenho das funções de soldado, cabo e sargento, nos serviços internos e gerais dos corpos de tropa e em combate e serviço em campanha, no âmbito do GC e da patrulha.

– Cursos das Armas e dos Serviços:

– No Ensino Fundamental, proporcionar, além da compreensão e aplicação das ciências estudadas, vivência na solução de problemas criados, envolvendo as disciplinas de uma ou mais Seções de Ensino.

— No Ensino Profissional, a capacitação ao exercício do comando das frações elementares das respectivas Armas e Serviços, em todas as situações, fornecendo-lhe os conhecimentos profissionais necessários ao desempenho das funções correspondentes aos primeiros postos, nas Armas e Serviços, iniciando o seu preparo para as funções de instrutor e comandante de subunidade.

Instrumentos para a criação e aperfeiçoamento de aptidões e interesses básicos do Oficial do Exército

Para a consecução dos Objetivos acima, todo o sistema de Ensino da Academia, envolvendo a Divisão de Ensino, no Ensino Fundamental, e o Corpo de Cadetes no que se refere ao Ensino Profissional, utiliza os métodos e processos de ensino que obedecem à doutrina preconizada pelo Estado-Maior do Exército (EME), e à metodização pedagógica recomendada pelo Departamento de Ensino e Pesquisa.

No Ensino Fundamental dá-se preferência aos processos que impliquem na participação ativa e direta do cadete.

No Ensino Profissional procura-se que este seja eminentemente prático e objetivo.

Em princípio, todo o conhecimento adquirido deve ser imediatamente aplicado na própria instrução, e, a partir daí, executado sempre com rigorosa perfeição, sob as vistas atentas e a inflexível exigência dos instrutores. Antes de ser instruído como comandante e instrutor, o cadete deve ser adestrado como perfeito executante.

Na verificação do rendimento da aprendizagem procuram incluir questões que exijam trabalho de redação e elaboração de idéias, procurando-se estabelecer íntimas ligações entre os quesitos propostos com os objetivos gerais pré-fixados, e acima expostos.

O conceito do cadete, no fim do curso e elaborado ano a ano, é uma síntese da avaliação qualitativa dos atributos de sua personalidade, por métodos padronizados, consubstanciando as observações de seu comportamento na vida acadêmica, em particular sob os aspectos integrados no exercício futuro da profissão militar.

Os atributos a observar e avaliar são, em linhas gerais, os que compõem de modo marcante, a personalidade do Chefe Militar, e subdivididos na prática em:

— Valor intelectual (inclusive Facilidade de Apreensão, Flexibilidade de Raciocínio, Objetividade, Método, Espírito de Observação, Espírito de Análise, Poder de Síntese, Faculdade de Expressão, e Cultura Geral e Profissional);

— Aptidão para Chefia (incluindo Capacidade de Direção e Controle, Espírito de Decisão, Senso de Responsabilidade, Iniciativa, Auto-Confiança, Senso de Justiça, Energia, Estabilidade Emocional, e Sociabilidade);

— Aptidão para o trabalho em grupo (incluindo Senso de Organização, Habilidade de Coordenação, Espírito de Cooperação, e Disciplina Intelectual);

- Devotamento (incluindo Sentimento de Dever, Caráter, Tenacidade, Capacidade de Trabalho, Assiduidade e Pontualidade);
- Espírito Militar (incluindo Entusiasmo Profissional, Lealdade, Disciplina, Apresentação e Camaradagem);
- Resistência Física (incluindo Vigor Físico, Eficiência sob Esforços Físicos Intensos e Prolongados, e Aptidão Desportiva).

Resultados Obtidos

Estendemos um pouco mais na exposição dos objetivos a alcançar na Academia e dos instrumentos de medida lá utilizados, devido à importância que damos a tais aspectos para o nosso estudo.

Já sabemos que as aptidões e interesses, que se pressupõe serem os básicos do Oficial do Exército, estão ligados com esta fase da carreira. Não só devido à sua faixa etária, onde os interesses se solidificam, como também devido à formação e (ou) aperfeiçoamento de suas aptidões.

O cadete, já tendo passado por um crivo de uma seleção psicológica que já serviu para separar os que não possuíssem os traços necessários ao curso da AMAN, terá, durante a sua formação militar, o aperfeiçoamento destes traços e a solidificação de seus interesses. No momento, a Seleção Psicológica à Academia não é eliminatória, porém, o será, após o término e a aplicação experimental, por certo bem sucedida, do Projeto de Seleção em estudo no Centro de Estudos de Pessoal (CEP).

Nos objetivos do Ensino e dos cursos, temos explícito o que se espera de um oficial ao sair da Academia Militar: — com uma formação técnico-universitária de nível Superior e com a base necessária ao desempenho de suas missões de oficial subalterno e Capitão, estas em parte.

A verificação dos atributos do Conceito, ligada às verificações dos Ensinos Fundamental e Profissional, já nos permite concluir que, alcançados os objetivos pré-fixados e passado o cadete pelo crivo do conceito, teremos um oficial com as suas aptidões básicas, consideradas por nós, e os seus interesses básicos já perfeitamente solidificados.

No afã de procurar transmitir o máximo de observações colhidas durante o tempo em que servimos na Seção Psicotécnica, poderemos citar fatos interessantes, e às vezes "sui-generis", que surgiam na resposta a pesquisas efetuadas. No antigo 2º ano do curso Básico era realizada uma pesquisa para verificar qual a preferência dos cadetes pelas Armas e Serviços. Baseada nesta pesquisa, e fruto de testes e questionários aplicados, eram realizadas entrevistas individuais, voluntárias, no qual o orientador do ano procurava esclarecer dúvidas e dirimir controvérsias existentes entre o que o cadete dizia desejar e o resultado das avaliações realizadas. No 2º semestre, nova pesquisa era realizada, e, nesta, era incluída a pergunta dos motivos que levaram a mudanças na sua ordem de escolha, se tal ocorresse. As respostas a estas perguntas eram surpreendentes, pois vimos, ao lado de afirmativas como a vocação, o melhor conhecimento das atividades das armas e serviços, o interesse pela ativida-

de ao ar livre, etc... perfeitamente válidas, surgirem respostas que inclusive devem servir de reflexão, tais como: interesse nos locais onde servir, companheiros que escolhem a mesma arma, melhores possibilidades de cursos futuros que facilitem um melhor padrão de vida, a possibilidade de ganhos extras com atividades extra-profissionais e outras. Vemos assim que, vocação e livre escolha de acordo com o que gostamos de fazer, estão ficando em nível mais baixo do que interesses materiais, que deveriam ser os menos abordados, nesta faixa etária, em que tais interesses normalmente são ofuscados pelo entusiasmo e desprendimento.

A importância dos instrutores no nível tenente e capitão é fundamental na formação e aperfeiçoamento dos interesses e aptidões básicas, no cadete. O tratamento que recebe no dia a dia é básico para a sua formação, particularmente no exemplo em que deve se espelhar e, em especial, ao chegar na AMAN, quando, vindos de meios heterogêneos, se bem que com aptidões e interesses correlatos, devem ser unificados no seu modo de agir no ambiente acadêmico. Para tal é importante tratamentos também heterogêneos e de graduação indireta em relação ao seu anterior relacionamento com a vida militar.

Enfim, acreditamos já termos idéia de como as aptidões e interesses básicos se formam, e de como deve sair da AMAN o futuro oficial. Sofrerá um processo de readaptação e de "robustecimento" de suas aptidões e interesses ao iniciar seu trabalho nos corpos de tropa. Verificará onde se sentiu bem dentro de sua arma e se adaptará às suas características particulares, favorecido pela gama de atividades diversas que o Exército proporciona. Se bem que o Ensino da AMAN procure aumentar a proporção do ensino de ciências sociais e profissionais, em detrimento do de ciências exatas, ainda é teórica a sua formação (com o 4º ano prático isto poderá ser reduzido) e o impacto que sofre ao enfrentar a vida diária das organizações militares onde servirá, fará com que procure uma adaptação natural nas suas aptidões e interesses.

Após estar ajustado e desenvolvendo um trabalho já racionalizado e rotineiro, é chamado para o segundo curso necessário à sua escalada para o topo da carreira: o de Aperfeiçoamento.

A ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Objetivos

A EsAO tem por finalidade aperfeiçoar os oficiais oriundos das Escolas de Formação.

Habilita os oficiais das armas para exercerem em campanha as funções de comandante ou membro de Estado-Maior das Unidades de sua arma e integrarem, com elas, grupamentos táticos.

Proporciona, aos oficiais de serviço, o desempenho das funções de comandante ou membro de Estado-Maior das Unidades do respectivo serviço e de adjunto de Chefe de Serviço no escalão divisionário.

O seu Ensino tem em vista tornar o oficial melhor capacitado para participar de operações em campanha e caracteriza-se pela aplicação frequente no terreno, através de exercícios com tropa ou de quadros, dos conhecimentos que são assimilados na sala de aula.

A instrução peculiar a cada Arma ou Serviço, a cargo dos Cursos respectivos, constitui a essência e o fundamento do ensino da EsAO e deve habilitar cabalmente o oficial para servir em sua Unidade ou Chefia, em qualquer situação de combate, nas funções em que foi capacitado.

No ensino do emprego tático da Arma estuda-se até o escalão da Unidade da Arma, nas diversas situações táticas. No ensino do emprego dos Serviços estuda-se, além do emprego das Unidades do respectivo Serviço no âmbito da Divisão, a direção dos Serviços, até o escalão divisionário e a organização e funcionamento dos demais órgãos pertencentes à cadeia logística de apoio à Divisão.

Neste ponto, é interessante, num parênteses, enfocarmos os cursos de graduação e pós-graduação do IME, que proporcionam um paralelo à EsAO, para os oficiais que preferirem a linha de ensino científico-tecnológico, na nova lei de Ensino.

Pela peculiaridade de seu trabalho, eminentemente técnico, e pela própria finalidade do ensino militar científico-tecnológico, que se destina "ao preparo e adestramento do pessoal necessário à realização de pesquisa científico-tecnológica, obtenção e produção de meios materiais indispensáveis ao equipamento do Exército" — ficam aos mesmos vedado o Curso de Aperfeiçoamento e quaisquer dos cursos da linha do Ensino militar bélico.

As transformações que tais oficiais sofrerem serão mais de caráter técnico e um pouco desviadas das aptidões e interesses básicos citados em itens anteriores. Estas serão mais aperfeiçoadas e solidificadas no decorrer de suas atividades na sua vida profissional e nas atividades do Instituto Militar de Engenharia.

Resultados Obtidos

Pela própria citação dos objetivos do curso de aperfeiçoamento verificamos que transformações, inevitavelmente, dar-se-ão ao conclui-lo.

O capitão, ao ser chamado para a EsAO, encontra-se já com aproximadamente 8 anos de oficial. Neste período, e ainda fruto da diversidade de funções e atividades proporcionadas pelo nosso Exército, já firmou um conceito sobre qual o tipo de atividade que melhor se adapta ao seu próprio feitio, isto é, que vai de encontro às suas aptidões, e adaptam-se mais à consecução de seus interesses. Não aqueles básicos, já atendidos ao procurar a carreira militar e ao concluir com êxito, e voluntariamente, o curso de formação da AMAN; e sim os interesses secundários que surgem, fruto, particularmente para a maioria, da formação de uma família, e do desejo de proporcionar melhores condições de vida e conforto para ela.

Deixou de ser o oficial, nesta fase de sua vida profissional, o cadete, um tanto irresponsável no que se refere à sua vida privada, e que talvez, apesar de uma

grande aptidão geral e um fator elevado de inteligência, descurava-se das atividades intelectuais, uma vez que achava ter pouca influência a classificação na AMAN para o seu início de carreira. Podemos, inclusive, afirmar que grande número dos cadetes que escolhem, por exemplo, as armas dita básicas, Infantaria e Cavalaria, certos de que pelo número de vagas existentes nestas armas, não terão dificuldade em escolhê-las, descuram-se dos estudos e apenas no 4º ano, quando aproxima-se a hora de escolher a guarnição a servir, é que voltam a se preocupar com o grau.

Bem, passam então a influir no oficial estes fatores e encargos suplementares que pesarão no estado de espírito do mesmo ao enfrentar o curso da EsAO, incentivando-o a uma atitude de maior responsabilidade pelas atividades do curso, principalmente pelas de verificação de aprendizagem. Pela lei de ensino anterior, ainda havia o incentivo de alcançar a faixa que proporcionaria o ingresso automático à Escola de Comando e Estado-Maior, mas um fator que influia no enfoque que o oficial dava ao curso da EsAO e ao seu resultado. Pela atual Lei de Ensino, apenas os primeiros e segundos classificados, estes nos cursos de mais de 20 alunos, têm direito a este benefício, diminuindo de intensidade esta influência na maioria dos oficiais, uma vez que muitos, às vezes desconhecendo sua capacidade intelectual por nunca tê-la estimulado ao extremo, acreditam não serem capazes de atingir as primeiras colocações e abandonam tal objetivo, procurando apenas um resultado satisfatório que favoreça a sua vida profissional futura, particularmente ao fim do curso, para poder escolher o local onde irá aplicar os conhecimentos adquiridos e consolidar a experiência adquirida.

A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais exerce um papel importante na carreira profissional dos oficiais do Exército. A par de reunir novamente num mesmo convívio de camaradagem antigos companheiros de bancos escolares da Escola Preparatória, Colégios Militares e da AMAN, serve para injetar nos oficiais, num posto importante da carreira, uma dose de entusiasmo profissional, unificar e padronizar conhecimentos, e principalmente fazer com que haja uma retomada no caminho da carreira.

Enfatizamos aqui, novamente, a influência dispersiva da variedade de funções e atividades dos oficiais, particularmente nos postos subalternos e intermediário. A multiplicidade de funções e cursos que se oferecem aos oficiais, faz com que, ao se reunirem novamente na EsAO, tenhamos uma verdadeira quantidade de interesses e aptidões secundárias diversificantes e contraditórias reunidas para um mesmo fim. Instrutores, alunos, oriundos de corpos de tropas, ajudantes-de-ordens, paraquedistas, professores, etc., reunem-se na EsAO após uma experiência de 10 anos em atividades, na maioria, não correlatas. Muitos, inclusive, com interesses voltados para fora da carreira. A realidade é esta, embora não seja agradável a aceitarmos. A facilidade apresentada pelos cursos universitários civis, particularmente pelo sistema de crédito de matérias; os hábitos de estudo já adquiridos; o desejo de realizar um curso universitário civil; a permanência, considerada por alguns excessiva, em alguns postos da carreira levando a muitos a idéia de falta de perspectivas futuras; os "apelos" que uma sociedade de consumo apresenta com o desejo de dar uma certa estabilidade material para o apoio à família — tudo isto leva a que muitos ofi-

ciais atinjam o estágio do curso de aperfeiçoamento com interesses maiores fora da carreira militar. Não é que tenham "vendido" seus ideais, nem que hajam deixado de lado suas aptidões e interesses básicos que o conduziram a esta carreira; e sim procurando atender anseios materiais que a formação de uma família muitas vezes impõe, numa sociedade em que a procura de indivíduos capacitados, e com as virtudes que a formação militar incutiu no jovem cadete, é muito grande. É necessário que tais aspectos sejam ressaltados e levados em conta na condução do curso de aperfeiçoamento.

Bem, após estas considerações que achamos indispensáveis, vejamos as transformações que ocorrem no oficial concludente da EsAO.

Aptidões Básicas

— Aptidão Geral ou fator G de Inteligência, como dissemos anteriormente, designa a capacidade de resolver problemas, de encontrar soluções para situações novas, de qualquer espécie. Opõe-se às capacidades intuitivas ou aprendidas, mais ou menos automatizadas. Essa capacidade, de natureza complexa, dependeria, segundo os estudiosos do assunto, de uma aptidão hereditária.

Diríamos, procurando tornar mais simples esta definição, que temos uma "faixa" de inteligência ao nascermos, com os seus limites bem definidos. O ponto em que nos encontramos nesta faixa, é função das aprendizagens e das influências do meio e dos conhecimentos que adquirimos.

É óbvio que, após o curso de aperfeiçoamento, novos fatores até então desconhecidos influirão para que melhoremos a colocação da nossa "faixa" de inteligência, por assim dizer.

Com novos conhecimentos, temos melhor capacidade de resolver problemas até então difíceis. Não sofremos uma transformação, porém tornamos mais "eficiente" a nossa capacidade.

— Aptidão verbal — Durante o curso o aluno é instado a apresentar soluções e decisões verbais e escritas. Há, pois, uma evolução neste aspecto.

A necessidade de defender o seu ponto de vista e argumentar, procurando convencer os demais do acerto de sua decisão, exerce a aptidão verbal e desinibe o oficial, fazendo com que aumente a sua capacidade neste aspecto. Tal ponto é importante uma vez que a partir deste curso deverá estar apto a assessorar os comandantes de Unidades, nas funções de Estado-Maior.

— Aptidão para Chefia — A simples mudança do escalão com que passará a trabalhar, faz com que a sua aptidão para chefia transforme-se. As variáveis que entram em jogo são bem diferentes e em maior número do que no escalão pelotão e subunidade. Os problemas de apoio, especialmente o administrativo, passarão a influir, e as suas decisões, ou propostas, passarão a não ser entendidas de pronto pelos subordinados que não tiverem acesso a certos dados. Necessitará, então, exercer em sua plenitude tal traço de aptidão. Passarão a depender de si um maior número de subordinados e uma maior faixa do terreno deverá ser de sua responsabilidade numa manobra. Na paz, passará a exercer influência marcante sobre a instrução e os pro-

blemas administrativos dos corpos de tropa, nos papéis de S3 e S4. Necessitará pôr em jogo todas as suas reservas e qualidades até então adormecidas terão de ser ativadas.

Mutações dar-se-ão na maneira de enfocar os problemas e na forma de conduzir os seus homens.

Passará a depender de um intermediário para suas ordens chegarem aos executantes e terá de saber conduzi-los, sem desautorizá-los, porém na maioria das vezes fazendo valer a sua decisão, quando esta for consciente e bem alicerçada.

— Aptidão para o trabalho em grupo — Passará, após o curso de aperfeiçoamento, o oficial a fazer parte de trabalhos em grupo com maior freqüência. Não só como membro de Estado-Maior, em que os problemas serão tratados em conjunto, porém em grupos de trabalho formados para assessorar o chefe em determinados assuntos. Atualmente a tônica é este tipo de atividade, pois podemos lealmente trocar idéias, e mais cabeças pensando e discutindo, mais acertadas serão as decisões.

Há necessidade de se conscientizar do seu papel num trabalho em equipe, mantendo sempre o espírito aberto e ter a disciplina intelectual necessária, quando a sua opinião não for aceita pelos demais.

Necessitará também, muitas vezes, coordenar trabalhos em equipe, e, para tal, precisa estar preparado para conduzir discussões e debates.

Transformações dar-se-ão neste aspecto, pois obrigará o oficial a se dedicar com mais freqüência ao trabalho com outros companheiros e subordinados.

— Devotamento e Espírito Militar — Englobaremos aqui estes dois aspectos, pois, nesta fase, estão intimamente ligados.

Como já comentamos anteriormente, não haverá transformações, porém, reativações e solidificações nestes fatores. É uma fase de retomada com os bancos escolares, em que o entusiasmo pela carreira deve sofrer uma retemperação e incentivo. É uma "injeção" de devotamento e espírito militar que o oficial recebe, e a consequência disto está nos comentários freqüentes de que as Unidades, além do trabalho da equipe que lá se encontra, são reflexos dos Aspirantes e Oficiais concluintes da EsAO que recebem.

— Resistência física — É um erro partir da premissa de que após uma certa fase da carreira, poderá o oficial descuidar-se do aspecto físico. Os defensores desta idéia partem do pressuposto de que as funções que exercerão, a partir de um certo posto, serão mais administrativas e prescindem do físico. O comandante de Subunidade e o membro de Estado-Maior de um corpo de tropa, o instrutor das escolas de formação, aperfeiçoamento e especializações, só para citar algumas delas, necessitam de possuir uma excelente resistência física para poderem comandar pelo exemplo. O aspecto do chefe, suas atitudes e o seu engajamento em todas as atividades que lhe são afetas, inclusive as desportivas, farão com que os seus subordinados o sigam sem pestanejar. Sem falar na necessidade de estar pronto para ser mobilizado a qualquer momento.

É preciso que tal aspecto seja sempre lembrado e, se transformações não se operem, pelo menos sejam ativados antigos hábitos e que o oficial, nesta fase da carreira, entenda a necessidade dos exercícios físicos como uma forma, pelo menos, de manutenção da saúde.

Interesses Básicos

Vamos abordar este aspecto de uma forma global, pois achamos que existe uma correlação acentuada entre as áreas de interesse e as aptidões que acima abordamos, se não, pelo menos, para justificar as suas transformações.

Como já vimos, os interesses se estabilizam na fase da adolescência; muitos deles poderão ser deixados de lado, porém sempre existirão e cabe, nesta fase, uma retomada daqueles que consideramos básicos, pois serão fundamentais para o êxito do chefe, à medida que for subindo de escalão.

Nas áreas Persuasiva e Social, necessitará convencer os seus homens para conduzi-los com mais confiança, e tornar-se-á indispensável saber conviver com eles num ambiente de amizade, lealdade e camaradagem, sem ferir o respeito sempre presente entre superior e subordinado.

Os serviços burocráticos serão em maior número e o seu interesse por esta atividade deverá reacender, nem que seja com um pouco de esforço inicialmente. A inevitabilidade de tal situação deve ser entendida e ser aceito o fato de que, a partir do curso de aperfeiçoamento, a lida com os papéis será uma constante.

Não deverá, porém, ser abandonado o gosto pelas atividades ao ar livre, próprias da nossa profissão. As oportunidades existirão e elas devem ser encaradas com alegria, pois tenderão, cada vez mais, a escassear.

O trato dos assuntos políticos passará a ter influência maior na sua participação como assessor. Não deve o oficial do Exército, fruto de sua neutralidade proveniente do papel constitucional das Forças Armadas, isolar-se e abster-se do acompanhamento das atividades políticas. O próprio desenvolvimento da ação subversiva do Movimento Comunista Internacional (MCI) e o nosso engajamento em defesa do regime democrático impõem que estejamos sempre atualizados no acompanhamento das atividades políticas.

Não importa tal fato em tomadas de atitudes coletivas ou individuais e intrusão nos problemas das comunidades em que nos encontramos e, sim, na observação serena dos problemas desta área, a fim de permitir um eficiente assessoramento aos chefes e o acompanhamento consciente das atitudes de nossos superiores, quando tal se fizer necessário.

O gosto pela atitude de chefia e pelo trabalho em grupo é cada vez mais despertado, pelo aumento das atividades e do escalão em que somos empregados.

A nossa vocação inata para a carreira militar não se transforma, deve, sim, permanecer a mesma, com o arrojo e a impetuosidade que fizeram com que, na adolescência, a escolhessemos.

A ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Objetivos

O Curso de Altos Estudos Militares da ECEME, tem por objetivos formar oficiais das Armas para as funções de estado-maior de Grandes Unidades e Grandes Comandos das Forças Terrestres e de outros órgãos de nível equivalente, além de habilitá-los com os conhecimentos teóricos essenciais para o exercício das funções de comandantes de grandes unidades e grandes comandos das Forças Terrestres e outras funções privativas de oficial-general combatente.

O Curso de Chefia e Estado-Maior de Serviços objetiva formar oficiais dos Serviços para as funções de estado-maior peculiares aos respectivos Serviços, das grandes unidades e de grandes comandos das Forças Terrestres e de outros órgãos de nível equivalente; habilitando-os com os conhecimentos teóricos essenciais para o exercício das funções de chefia privativas de oficial-general dos respectivos serviços.

Visa o ensino da ECEME desenvolver no oficial o método de raciocínio e a flexibilidade mental de modo a capacitá-lo a solucionar problemas complexos, ainda que novos e originais; consolidar e aprimorar no oficial a sua consciência democrática; cultivar elevados padrões morais e espírito militar; além de desenvolver as qualidades de chefia e liderança e a capacidade de trabalho em equipe.

O aluno da ECEME é fator decisivo em toda a situação escolar da Escola. Sua aprendizagem é o objetivo do ensino. A bagagem intelectual e cultural do aluno é considerada enriquecida por sua maturidade, vivência, cursos de aperfeiçoamento, responsabilidades e seleção. Os conhecimentos novos a adquirir não serão muitos, havendo, na maioria das vezes, reativação e desenvolvimento dos seus conhecimentos, ou melhor, o aperfeiçoamento de sua bagagem cultural, por força de sua bagagem intelectual. Devido a tal premissa, o aluno é estimulado e aproveitado ao máximo em todas as atividades escolares, objetivando seu auto-apreensão.

Utilizado ao máximo, o processo de "Estudo a Domicílio", procura iniciar o aluno no conhecimento dos assuntos previstos no currículo escolar. Se as fontes de consulta para tal forem insuficientes ou dispersas, os conhecimentos iniciais são complementados mediante uma "Palestra". Após tal fase, o aluno é submetido a processo de aplicação, de caráter individual e coletivo, através do qual os objetivos acima serão alcançados.

No Ensino da Tática, os exercícios são montados visando enfatizar a doutrina em curso no Exército, com ênfase para o método de estudo.

O aluno freqüentemente é chamado a apresentar sua conclusão individual e decisão, visando à capacitação e enfrentar problemas táticos diversificados e sempre com cunho de originalidade.

São enfatizadas situações de combate em que se incluem fatores que caracterizam a incerteza da guerra, tais como falhas de liderança, imprecisão nas informações e na avaliação do inimigo, interrupção nas comunicações, ambiente tático adverso caracterizado pela superioridade do inimigo em poder de combate, etc.

Procura-se criar no futuro Comandante e Oficial de Estado-Maior o hábito de "manter-se informado", criando reflexos correlacionados com as Informações de Combate. Utilizam-se as novas organizações do Exército Brasileiro, com seus meios previstos nos Quadros de Organização, fazendo com que o ensino tenha um caráter de pesquisa, fornecendo subsídios ao escalão superior.

Não são descuradas as matérias ligadas à cultura geral do futuro oficial de Estado-Maior e chefe militar, sendo ministradas palestras e conferências versando sobre Geografia, História, Direito, Economia, Psicologia Informativa e problemas da Conjuntura Sócio-Econômica Nacional.

A realização de conferências de Ministros de Estados ou de membros do alto escalão do Poder Executivo ou órgãos da administração pública, direta ou indireta, traz ao aluno o conhecimento dos problemas nacionais, no enfoque governamental, elevando o nível dos debates e proporcionando o conhecimento das razões de muitas decisões que influem na vida nacional.

Os processos de verificação, indispensáveis à boa condução do processo de aprendizagem, visam, entre outros objetivos, apreciar o progresso do aluno quanto a conhecimentos, habilidades, técnicas e capacidade de julgamento; além de colher dados para a avaliação do desempenho intelectual do aluno.

São realizadas verificações com e sem aviso prévio, para a avaliação do rendimento da aprendizagem e do desempenho intelectual do aluno, porém, é parte importante do quadro avaliativo, a apreciação do Oficial-Aluno, ao longo do Curso.

O campo da medida de desempenho é definido pelas normas em vigor, independente de outro sistema de avaliação de oficiais em uso no Exército. A avaliação qualitativa do desempenho do oficial-aluno é feita basicamente pelo corpo docente, durante as atividades escolares.

Os aspectos observados têm íntima ligação com as aptidões e interesses básicos levantados anteriormente neste trabalho.

São eles:

- Valor Intelectual
- Aptidão para a Chefia
- Aptidão para o Trabalho em Grupo
- Devotamento
- Espírito Militar
- Resistência Física

Os atributos que são levados em consideração, em conjunto com os aspectos acima, são: análise, apresentação, assiduidade, autoconfiança, compreensão e expressão verbal, coordenação, cumprimento da tarefa, decisão, direção e controle, disciplina intelectual, equilíbrio emocional, espírito de cooperação, expressão escrita, facilidade de apreensão, flexibilidade, imaginação (criação), liderança, objetividade, persistência, pontualidade, síntese, tato e vigor físico.

O passar pelos crivos das verificações e da medida de seu desempenho já pressupõe a conquista dos objetivos pré-fixados e conduzidos como acima nos refe-

rimos sumariamente, traduzindo, sem dúvida, uma sistematização de trabalho dos futuros assessores dos comandantes, e uma transformação ou pelo menos solidificação e enriquecimento, dos interesses e aptidões básicos do oficial do Exército, no seu caminho em busca do último degrau da carreira.

Resultados Obtidos

Convém, antes de analisarmos essencialmente as características básicas que ornam o oficial do Exército e as suas modificações, procurarmos enfocar o estágio do Oficial-Aluno ao atingir a época de cursar a Escola de Comando e Estado-Maior e em torno do qual baseamos o presente trabalho.

Unificado em seus conceitos profissionais, com o seu entusiasmo já revigorado pela retomada com os assuntos eminentemente da carreira, e já com uma maneira diferente de enfocar os problemas após o término do curso de aperfeiçoamento, como vimos anteriormente, encontra-se o oficial frente a somente uma opção para alcançar o mais alto escalão de sua carreira: o curso da ECÉME.

Teve oportunidade de por em aplicação os conhecimentos que adquiriu no curso de aperfeiçoamento e de enfrentar com uma visão mais madura a problemática de nossos corpos de tropa. O agigantamento do processo administrativo nas nossas organizações militares muitas vezes fazem com que o oficial, após o curso da EsAO, atualize-se mais com esta parte, deixando a instrução, base do curso da EsAO, para um plano secundário, ainda que sem diminuir a sua importância.

Prepara-se, então, para enfrentar a seleção para o curso de Altos Estudos, sofrendo variáveis influências que poderão facilitar ou dificultar o seu objetivo. O local onde serve, a função que exerce, o apoio superior que recebe, o nível de atualização profissional que possui, os hábitos de estudo ainda arraizados, os problemas de família, a própria satisfação pela atividade que exerce, são fatores que podem servir de estímulo, ou não, para o oficial prestar o exame para o curso de Comando e Estado-Maior; além de não podermos isolar os fatores materiais que já citamos anteriormente ao abordarmos o oficial que chega à EsAO e que, normalmente, persistem. Porém, neste ponto, há um aspecto preponderante na sua decisão: a voluntariedade. O concurso para a ECÉME sendo voluntário, proporciona ao oficial, já maduro, com interesses solidificados e objetivos já perfeitamente definidos, a oportunidade de só o fazê-lo, se estiver bem certo do que quer. Não significa tal, que, aqueles que não se propõem ao curso de EM, possuem menos aptidões e interesses para com a carreira das armas. Poderão, inclusive, de melhor maneira, prestar o seu concurso ao engrandecimento de nosso Exército e ao seu constante e necessário aperfeiçoamento, sem o curso de Comando e Estado-Maior. Todavia, terão suas possibilidades de acesso limitadas ao posto de coronel e, na maioria das vezes, até o momento de atingir o limite mínimo de idade que lhe proporcione a transferência para a Reserva. Muitos brilhantes oficiais, e que, por certo nos testes iniciais que prestaram no início de suas carreiras, apresentavam alto grau nas aptidões e interesses necessários a um excelente profissional, passam, pois, a não concorrer ao acesso ao cume da carreira.

Portanto, entram na ECEME, anualmente, da ordem de uma centena de oficiais que passaram por crivos diversos e voluntariamente apresentam-se para um curso que lhes abre perspectivas para alcançar as funções de maior prestígio na estrutura do Exército. Voluntários, com maturidade já em alto grau, estão realizando um curso de 2 anos, porque estão convictos do que desejam e certos da exatidão de seus interesses. As pressões de família, conforto, satisfações pessoais e outras mais, fizeram-se sentir, e a resultante foi a sua decisão de realizar o curso de Comando e Estado-Maior.

Acima, estendemo-nos um pouco mais nos processos que se utilizam na ECEME para alcançar os objetivos do curso. Tal foi feito deliberadamente para sentirmos quais as influências que sofre um oficial-aluno no curso de Comando e Estado-Maior.

Abrangendo um estudo dos escalões Brigada, Divisão e Exército, na parte tática, e estudando matérias e assuntos de alto nível necessários para a formação do futuro assessor e chefe militar — e sendo observado em todos os aspectos que enumeramos acima, é natural que sofra uma transformação radical nos seus conceitos básicos, e gradativamente vá sentindo que outras variáveis surgem, antes não identificadas, ao abordar determinado problema ou desafio.

A extrema atenção dada ao estudo do método, e a sua, às vezes cansativa, aplicação, servem para torná-lo objetivo, detalhista, metódico e conseguindo, inconscientemente, realizar uma simbiose, que lhe parecia anteriormente impossível, entre a análise e a síntese. Torna-se generalista, sem abandonar a profundidade do assunto que deseja particularizar, e passa a se considerar um convededor de tudo um pouco. É um perigo que o indivíduo deve procurar isolar, utilizando as armas de sua natural humildade e o desejo de ser sempre benquisto pela sua comunidade, sem necessitar, para tal, abandonar a firmeza de seus princípios e opiniões.

É levado a entender que, ao levar um ponto de vista sobre determinado assunto ao seu chefe, deve defendê-lo com a totalidade dos argumentos que o alicerçam. Porém, caso a decisão por quem de direito for contrária à sua opinião, deve acompanhar o chefe e fazer com que tal decisão passe a ser a sua. Isto exige muito do oficial e a compreensão do seu papel de assessor é muito importante. O limite entre a lealdade e a subserviência é muito tênue, e, por isso, exige-se que o oficial de EM tenha, além de todas as virtudes citadas acima, quando abordamos a apreciação do seu desempenho, uma disciplina intelectual plenamente desenvolvida.

Vejamos agora as aptidões e interesses básicos e as suas mutações após o curso de EM.

Aptidões Básicas

— Aptidão Geral (ou Fator G de Inteligência) — conforme já definida ao analisarmos os resultados obtidos na EsAO, acreditamos que nesta fase da carreira, o limite superior da nossa "faixa" de inteligência esteja alcançado. Amadurecido, objetivos plenamente definidos, o oficial recebe uma gama de conhecimentos e é le-

vado a resolver problemas originais e instado a revelar todos os pontos que observamos acima na apreciação de seu desempenho. Receberá novas informações ao sair da Escola, porém servirão mais para enfatizar e tornar práticos os ensinamentos colhidos no curso e solidificar os anteriormente adquiridos.

— Aptidão Verbal — Com mais freqüência que durante o curso da EsAO se rã exercitado este traço, o qual, por isso, sofrerá uma transformação positiva. A necessidade de trabalhos monográficos, as justificativas freqüentes de decisões, as provas em que é levado a se expressar livremente e com desenvoltura, são meios para alcançar um dos objetivos maiores do curso: forçar o oficial a ter o hábito de expor com clareza e metodicamente seus pontos de vistas, tanto verbalmente como por escrito. O uso intensivo do método fará com que se torne automática uma esquematização antes de apresentar a solução de um problema, conseguindo, desta forma, exponer o que pensa em ordem e sem deixar nenhum ponto importante sem ser abordado.

— Aptidão para chefia — O objetivo da Escola é formar o assessor, o oficial de Estado-Maior e o chefe militar. Reunindo oficiais de vários postos e antiguidades, temos lado a lado o Ten Cel e o Capitão. O primeiro, já com qualidades de chefia desenvolvidas e outro ainda com algo a aprender, apesar de já estar com mais de 12 anos de oficial, no mínimo. O oficial mais antigo irá exercer dentro de pouco tempo as funções de Comandante de Corpo de Tropa, onde terá que usar este fator de aptidão em sua plenitude. O oficial mais moderno somente mais tarde assumirá comando, porém nas funções de EM terá de usar vários dos traços inerentes ao chefe.

Não poderá jamais, e este é o erro em que muitos incorrem, afastar-se de seus companheiros sem o curso de EM, considerando-se de um "status" superior, pois isto servirá para abrir um abismo entre si e seus companheiros, e ele não poderá exercer as suas funções de assessor em sua plenitude, pois desconhecerá os anseios da maioria dos demais oficiais.

— Aptidão para o trabalho em grupo — Utilizado por demais no curso de Estado-Maior e especialmente após o seu término, nas funções que exercerá, é necessário que o oficial aperfeiçoe de forma total este traço. O coordenar trabalhos e o fazer parte de grupos destinados a estudar problemas, serão uma constante do oficial de EM, e a Escola dedica muitas de suas horas para este tipo de atividade, visando tornar um hábito o trocar idéias coletivamente antes de apresentar soluções. Transformações dar-se-ão, fazendo com que o indivíduo não se sinta tolhido e aceite este tipo de exercício como inevitável e, como tal, aperfeiçoar-se para bem executá-lo.

— Devotamento e espírito militar: — Novamente os reunimos, pois vemos neles traços afins e que nesta fase estão tão solidificados que poucas mutações sofrão. O oficial antes do Curso da ECEME já os possui em nível elevado e continuará a possuir-los em tal nível.

Deve tomar consciência da importância que terá o transmitir tais aspectos aos demais companheiros e subordinados. O papel do oficial de EM, pela contingência de ser o único que atualmente possibilita um futuro mais auspicioso na vida pro-

fissional, faz com que seja olhado de forma especial pelos demais oficiais e praças. Não pode deixar de exteriorizar, em todas as oportunidades, que tem fé na profissão que escolheu e o seu espírito militar deve emanar de forma a transmitir entusiasmo e confiança em tudo aquilo que faz.

— Resistência física — Ainda presente, apesar da faixa etária do oficial. Tudo que poderíamos falar sobre a sua importância já o fizemos. Os métodos modernos de conservação do preparo físico e da saúde são do conhecimento de todos e as próprias campanhas publicitárias abordam a necessidade do exercício. Há uma consciência disto, porém os hábitos já arraigados nesta fase são obstáculos que devem ser transpostos. Poucas transformações dar-se-ão neste traço.

Interesses Básicos

Novamente os estudaremos englobando-os sob o mesmo argumento usado anteriormente. —

Na área persuasiva as transformações dar-se-ão em maior número, uma vez que o objetivo do curso é, de início principalmente, a formação do oficial de EM num escalão em que terá de exercer de forma total o seu gosto pela persuasão, a fim de que suas opiniões sejam aceitas por chefe e subordinados. Na maioria das vezes, gostamos de convencer os demais do acerto de nossas idéias, porém muitos não têm o hábito de fazê-lo, uma vez que os nossos próprios princípios hierárquicos e a disciplina, que é um dos apanágios de nossa carreira, facilitam o cumprimento indiscutível de ordens. Todavia, a partir deste curso, a necessidade de argumentar será uma constante.

Nas áreas sociais, no trabalho em grupo e nas atividades ao ar livre nada temos a acrescentar aos argumentos que usamos no estudo das aptidões que lhes são correlatas.

O gosto pelo serviço burocrático terá alcançado o índice máximo após o curso de EM. Esta realidade deve ser conscientizada e racionalizada, para que não haja dificuldades a partir de então. As atividades ao ar livre serão em bem menor número e caberá ao oficial a sua procura.

O gosto pela atitude de chefia atinge o seu ponto mais alto, uma vez que se lhes abre a possibilidade de exercê-la em sua plenitude, não só nos corpos de tropa, como também mais tarde no Quadro de Oficiais-Gerais, para alguns.

A vocação inata para a carreira militar não se transforma, apenas finalmente se realiza, pois foi alcançado e transposto o último obstáculo que lhe é exigido para poder alcançar o ápice na profissão que escolheu. O que dependia de si foi feito. Agora irá aplicar os seus conhecimentos lealmente, com eficiência, sem necessidade de "dobrar a espinha". Irá apenas confirmar o conceito que já deve desfrutar no seio de seus camaradas.

Finalmente, deixamos para abordar o interesse pela área política. O chefe militar não pode deixar de interessar-se por esta arte, tão controvérsia. O papel

que as Forças Armadas exercem no contexto da nação é de tal forma importante, que o chefe e seus assessores não podem, por mais que queiram e achem ser correta tal atitude, alheiar-se dos problemas com que se defronta o país. A própria Escola aborda-os e leva o aluno à procura de soluções. É claro que tal acompanhamento e interesse não deve extravasar para atitudes que não são inerentes à nossa profissão nem nos são afetas. Apenas não pode o oficial, nesta altura da carreira, desconhecer o que se passa no mundo que nos rodeia. Sofremos influências dos órgãos de comunicação social, e cabe justamente ao chefe, bem assessorado por seus oficiais de Estado-Maior, trazer a sua versão e transmitir o seu enfoque pessoal e o dos seus superiores, a fim de tranquilizar a todos, para que possam se dedicar, com afinco às suas atividades profissionais. Esta é a realidade que faz com que o interesse nesta área acentue-se após o curso de Altos Estudos Militares.

CONCLUSÃO

Após o estudo das diversas fases de nossa vida profissional, na caminhada do oficial em direção ao último escalão da carreira militar — o generalato — cabe uma conclusão sintética, uma vez que após cada etapa apresentamos resultados parciais.

As aptidões do indivíduo ao entrar na Escola de Formação já existem em embrião. São exercitadas e firmadas durante o curso de formação. São desenvolvidos os seus traços de aptidão para chefia, para o trabalho em grupo, devotamento, espírito militar e resistência física. São aperfeiçoadas as suas aptidões geral e verbal. É ali moldado o futuro oficial, dentro dos objetivos que o Exército propôs à AMAN.

Após um período de adaptação, de conhecimentos práticos de suas atividades funcionais, já mais amadurecido e com experiências colhidas em setores diversos e muitas vezes estanques e contraditórios, realiza o curso de aperfeiçoamento.

Na EsAO há uma retomada do oficial com a lida dos problemas táticos e puramente profissionais. Aperfeiçoam-se todos os traços de aptidões e é renovado que retorna aos corpos de tropa. Finalmente, para alguns, após o crivo de um concurso em que lhe são cobradas as experiências já adquiridas de forma geral na sua vida profissional, surge o curso de Comando e Estado-Maior. Curso de alto nível, proporciona ao Oficial acesso a conhecimentos novos e num escalão mais alto, modificando-o e fazendo com que os problemas sejam enfocados de forma cada vez mais global. Sofre a influência do estudo do método e aprende a assessorar sem desejar influir e ser a peça mais importante do tabuleiro, aperfeiçoando sua disciplina intelectual. Toma ciência de problemas os mais diversos e os assuntos de cultura geral ladeiam-se com os de combate militar, proporcionando-lhe um conjunto de conhecimentos que lhe pareciam antes impossíveis de serem acarregados por apenas um homem.

Os seus interesses, quase estabilizados após o curso de formação, devido à faixa etária em que se encontra, são apenas complementados e solidificados no decorrer dos cursos de Aperfeiçoamento e Altos Estudos. As áreas Persuasiva, Social,

Serviço Burocrático, Política, e o gosto pela atitude de chefia e pelo trabalho em grupo são apurados e exigidos cada vez mais. Ao alcançar e ultrapassar a última barreira, vê, finalmente realizada a sua vocação inata para a carreira militar.

Mesmo com as limitações pessoais, aliadas à falta de um estudo fundamentado sobre as aptidões e interesses inerentes ao oficial do Exército, procuramos dar uma idéia daquelas que acreditamos serem básicas, e as transformações que sofrem. Sabemos que muitas observações e idéias levantadas levam o cunho pessoal. A nossa limitação é grande, por estarmos ainda numa fase de afirmação de conceitos, faltando tempo de serviço e experiência para tal. O nosso objetivo é comum e um só: a modernização e o engrandecimento do nosso Exército — e isto só se concretizará se for dada ênfase não só para os problemas materiais, porém, também, para o constante aperfeiçoamento de seu pessoal. O nível intelectual e cultural do oficial é, na sua maioria, excepcional e deve ser aproveitado em sua plenitude, a fim de que tenhamos cada vez mais chefes verdadeiros líderes. Não nos resta dúvida que o sistema de Ensino do Exército, do modo como está equacionado, gradual e progressivamente, irá atingir este objetivo.

Muitas indagações permanecem e acreditamos que suas respostas devem ser dadas de molde a aperfeiçoar o nosso sistema de ensino e conseguir a maximização do nosso potencial em pessoal. A esquematização de um plano de carreiras, tão de cantado porém sem ser posto em execução nem que seja experimentalmente, poderia diminuir a ampla faixa de atividades heterogêneas na fase inicial da nossa carreira até o curso de Estado-Maior. Uma melhor recompensa financeira que premie aqueles que dedicam todo o seu tempo ao Exército e tão somente ao Exército, limitaria a evasão, pelo menos de pensamentos e idéias, que se nota na faixa de oficial intermediário e superior. Um acesso à Escola de Comando e Estado-Maior, levando em conta o passado do oficial, seu valor profissional, suas aptidões e interesses básicos, sua vida particular, seus títulos, inclusive na área universitária civil, enfim através de um acompanhamento científico e não passional — possível no atual estágio da Informática — poderia conduzir para o Curso de Altos Estudos oficiais aptos a galgar os mais altos postos.

Não seria abandonado o sistema de exame, porém não existiriam companheiros brilhantes sendo penalizados por apenas umas horas de provas sob pressões e condições de preparação as mais diversas.

A permanência no posto de capitão por mais de 8 anos tira muito do entusiasmo de muitos companheiros, pois faz com que alguns atinjam a situação de oficial superior na faixa etária dos 40 anos, faixa esta em que, no mundo civil, o profissional já está quase que realizado profissionalmente. A diversificação de critérios para promoção e tempo de permanência nos postos, entre as Forças Armadas irmãs, é outro motivo de frustração a ser ultrapassado.

Estamos certos que tais problemas existem, e que são do conhecimento de nossos chefes, que já estudam tais pontos e as soluções cedo virão, amadurecidas e bem alicerçadas.

Para tal, o maior passo já está sendo dado, com a análise fria dos problemas, o seu reconhecimento e a vontade daqueles que, formados pelo sistema, cada vez mais procuram seu aperfeiçoamento, para podermos ter uma instituição sólida, através dos indivíduos que a integram.

BIBLIOGRAFIA

- Testes para Selección de Personal — Robert M. Guion.
- Dicionário de Psicologia — Henri Pierón.
- Psicología Aplicada à Orientação Profissional — Oswaldo de Barros Santos.
- Elementos de Psicología — David Krech/Richard S Crutchfield (2 vol.).
- Lei do Ensino Militar (NP 6.265/19 Nov 75).
- Regulamento da Academia Militar das Agulhas Negras (R-70).
- Normas para Elaboração do Conceito da AMAN (1975).
- Plano Geral de Ensino da AMAN (1975).
- Regulamento da EsAO (R-75).
- Normas para Conceituação dos Oficiais Alunos da EsAO (1974).
- Plano Geral de Ensino da AMAN (1975).
- Regulamento da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (R-181).
- ME 21-251 — Normas Escolares da ECEME.
- Normas para Apreciação de Alunos da ECEME.



O Major Inf QEMA Marco Antonio Savio Costa, natural de Ponta Grossa, Paraná, oriundo da Turma da AMAN de 1962, é, atualmente, Instrutor da ECEME. Possui, além dos cursos necessários ao Oficial de Estado-Maior, o curso de Psicotécnica Militar, concluído em 1970, tendo servido nas Seções Psicotécnicas do Colégio Militar de Curitiba e da Academia Militar das Agulhas Negras.